



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



OSORIO LUDGERO NETO REIS

**A GÊNESIS DO MEU SER: MEU MEMORIAL DE
FORMAÇÃO**

Ji-Paraná/RO
2017

OSORIO LUDGERO NETO REIS

**A GÊNESIS DO MEU SER: MEU MEMORIAL DE
FORMAÇÃO**

Memorial apresentado ao curso de Licenciatura em Pedagogia, na modalidade à distância, da Universidade Federal de Rondônia [UNIR], em parceria com a Universidade Aberta do Brasil [UAB] e com o Polo de Ji-Paraná, como Pré-requisito para a conclusão do Curso, sob a orientação do Prof.(a) Gicele Sucupira Fernandes.

Ji-Paraná/RO
2017

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA
DIRETORIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - DIREC
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
Reconhecido pela portaria/MEC nº 614, de 3 de setembro de 2015, DOU de 04/09/2015
Habilitação para a Docência na Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental



A GÊNESIS DO MEU SER: MEU MEMORIAL DE FORMAÇÃO

OSORIO LUDGERO NETO REIS

Este trabalho foi julgado adequado para obtenção do título de Graduação em Pedagogia e aprovado pelo Departamento de Ciências da Educação.

Profa. Dra. Márcia Machado de Lima
Chefe do Departamento de Ciências da Educação

Professores que compuseram a banca:

Presidente: Prof^ª Mas Gicele Sucupira Fernandes

Membro: Prof .XXXXXXXXX

Membro: Prof. XXXXXXXXXXXXX

**Ji-Paraná/RO
2017**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	4
1. OS PRIMEIROS APRENDIZADOS EM PAXIBAU.....	5
2. O INICIO DO ENSINO FORMAL: ENTRE O TRABALHO E O ESTUDO	7
3. SUPLETIVOS E PROVÕES: A CONCLUSÃO DO ENSINO MÉDIO.Error!	
Indicador Não Definido .1	
4. O ENSINO SUPERIOR	12
CONCLUSÃO.....	19
REFERÊNCIAS.....	21

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem como proposta apresentar a narrativa de memória da minha vida escolar, desafio este que leva a recordar de coisas boas e más da minha história escolar. Realmente foram tempos as vezes mágicos e as vezes terríveis, por conta de tantas situações adversas. Dar este zoom na história da minha vida me permite olhar com muita gratidão para a família, as instituições, os amigos, colegas de escola, de muito tempo atrás, os acadêmicos de hoje com uma profunda compreensão de tudo. Porém, é provável que neste texto eu dê muito mais foco às coisas que não refletiram o sucesso hoje.

A manifestação da imagem que reflete de nós mesmos ao pensar na trajetória escolar e nossas experiências tende a enfatizar os fracassos, sem ficar presos a eles. No entanto, é preciso questionar se a situação de sucesso e fracasso na vida de cada aluno se configura somente como pré-requisitos de avaliações, desempenhos?

Foram observados outros fatores, além destes, que são muito mais relevantes como: a capacidade na realização de tarefas, a habilidade que se requer dos alunos diante dos vários obstáculos para alcançarem os objetivos propostos e o esforço individual. Esses foram elementos importantíssimos no nosso curso de pedagogia, afinal, quantos começaram e quantos estão agora no final do curso.

1. OS PRIMEIROS APRENDIZADOS EM PAXHIBAU

Tudo começou em 1963, em um pequeno vilarejo chamado Paxibau, hoje Distrito do município de Cururupu no estado do Maranhão, quando nasceu uma criança chamada “Osório”, em homenagem ao seu avô materno. Mesmo a região não sendo uma área que a seca maltratava meu pai ainda não tinha muita liberdade para produzir na terra que pertencia ao pai da minha mãe. Assim, as dificuldades familiares ainda eram grandes. Por essa razão, nasceu um filho com peso baixo, que foi desnutrido, mas superou todas as dificuldades iniciais da vida.

Enquanto as mães trabalhavam na roça, sempre ficava uma delas como a “mãe de leite”, que amamentava todas as crianças que estavam nas casas próximas. Lugar interiorano de pessoas simples, porém companheiras e amigas, onde uma sempre participava na vida do outro, quase como família. Como escrevem Guilherme Prado e Rosana Soligo:

Ao recordar, passamos a refletir sobre como compreendemos nossa própria história e a dos que nos cercam. Vamos nos inscrevendo numa história que não está mais distante e, sim, impregnada das memórias que nos tomam e da qual muitos outros fazem parte (PRADO; SOLIGO, 2004, p.06).

Parte dessa história ficou gravada na minha memória e é impossível arrancar de uma mente sadia e de um corpo sem sequelas. É uma parte muito boa e bonita.

Ao chegar aos cinco anos de idade era costume os pais alfabetizados ensinarem para seus filhos a cartilha do A B C D. Na nossa família minha mãe, a Sr. Bertolina, já era alfabetizada e o Sr. Honório, meu pai, não. Neste caso, além das tarefas da roça e da casa, a alfabetização era de responsabilidade da minha mãe também.

As lembranças não são muito boas. Dentre um ou outro erro nas lições logo vinha a palmatória. Nas noites a luz de lamparina ou nos domingos à tarde minha mãe nos colocava em uma grande mesa, cada um em uma cadeira para estudar. Para os três irmãos menores e eu, em uma folha de papel com pauta minha mãe escrevia o alfabeto e tínhamos que passar a lápis por cima. Para os irmãos maiores, ela apenas acompanhava a correção da lição da escola. Por ser somente alfabetizada, minha mãe não adquiriu muitas técnicas para a prática pedagógica. Ela ainda tinha dez filhos para cuidar e educar. No meu caso não foi possível aprender a ler e escrever nesta fase.

Apesar de meus pais terem passado por um período de criação do Ministério da Educação e Saúde, em 1930, e tantas outras mudanças e revoluções na área social,

industrial, política e educacional, meus pais ainda estavam vivendo muito excluídos, como em um período muito anterior ao deles, onde a educação era patriarcal e de responsabilidade familiar.

Com a reforma no ensino superior, secundário e fundamental, foi um período de “conflitos de ideias”, do novo Estado, da ditadura, da burguesia industrial, período de mudança radical no Brasil como assinala Ribeiro (1993).

É claro que falamos de um caminho não muito delineado na prática, mas politicamente sim, pois entre a educação e a exclusão social pode se observar várias situações que envolvem a desigualdade ao longo da história. Ela envolve tanto a política como a economia e não é só uma ciranda entre a riqueza e pobreza, participa dela a discriminação de raça, cor, nacionalidade, etnia, deficiência e adultos analfabetos. A falta de uma política justa vem vitimizando não só os meus pais, mas muitas pessoas ao longo da história. Hoje é importante garantir dentro das políticas públicas o acesso ao ensino fundamental para reduzir a desigualdade. A constituição de 1988 incorporou uma visão democrática em relação ao direito à educação, ainda que não haja boa vontade dos governantes de projetarem mais investimentos para o setor da educação.

2. ENTRE O ESTUDO E O TRABALHO: O ENSINO FORMAL

2.1 Ananindeua

Em 1973 migramos para o estado do Pará, para o município de Ananindeua no Pará. A saga da família aconteceu no mês de setembro de 1973 e a minha matrícula na alfabetização, pré-primário, foi feita em fevereiro do ano de 1974. Por conta das dificuldades econômicas e culturais, a educação era encarada como um grande desafio.

Eu já tinha dez anos de idade e as crianças com dez anos, se não tivessem repetido a série estariam cursando o terceiro ano. Como já tinha iniciado a alfabetização em casa, fui desafiado pela professora a tirar as melhores notas e assim fiz. Ou seja, isso me garantiu o direito de fazer uma prova no meio do ano para ver se conseguia acompanhar os alunos do primeiro ano. Fui aprovado. Logo passei para o primeiro ano.

No final do mesmo ano, já estava aprovado para o segundo ano. No ano seguinte o mesmo desafio foi feito pela nova professora. Alcancei a nota dez em todas as matérias no meio do ano e passei para a terceira série, estava próximo aos alunos da minha idade.

Além da idade, outras coisas que me desafiaram a avançar de série, como a minha altura para duas series atrasadas e o fato de durante o resto do dia ter que vender picolé ou salgado para complementar a renda familiar. O esforço foi tão grande por conta do trabalho infantil, que, na época não era combatido, e do cansaço da lida que envolvia os sábados e domingos também.

Não havia uma compreensão por parte dos pais sobre o trabalho infantil e nem por parte das autoridades. A pessoa com quem eu pegava os picolés para vender era o delegado do município. Também era comum, na visão dos adultos, incentivar os meninos pobres a trabalhar para não virarem bandidos. A visão de que a educação era uma forma de subir na vida era predominante, porém muitos pais jamais consideravam que seus filhos pudessem superar os obstáculos e cursar uma faculdade, que foi planejada para as pessoas sem recursos. Na visão deles, somente os filhos de quem tinha condições alcançariam tal feito. Na minha família essa visão não era diferente, pois tínhamos dois agravantes: ser de família pobre e ser de pele negra.

Todos os “menores”, termo utilizado na época, participavam dos projetos sociais do governo federal, principalmente, quem morava em área de risco, o que não era o nosso caso, mas também participávamos de um projeto. Morávamos numa região retirada do centro do município, num vilarejo chamado Lago Azul, uma espécie de balneário, um lugar simples.

Um dia voltando com minhas duas irmãs mais novas que eu, fomos informados que o meu irmão terceiro entre os dez, tinha sofrido um acidente no trabalho, na Companhia Elétrica do Pará (CELPA) e tinha morrido. Mesmo sendo um dia de muito aprendizado com palestras, vídeos e esportes praticados, o mundo acabou para a gente. Era uma quinta feira.

Fotografia 1: Escola Estadual de Ensino Fundamental Maguari



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Fotografia 2: Escola Estadual de Ensino Fundamental Maguari



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Essas fotos foram tiradas na última viagem que fiz ao Pará, em abril de 2017. A escola conserva a mesma estrutura de 1979. Essa foi à escola que iniciei os meus estudos no Município de Ananindeua, Estado do Pará, conserva as mesmas estruturas até hoje.

2.2 - Mudança para capital

Lembro que na segunda feira seguinte tivemos dificuldades para ir à escola por não saber onde tínhamos deixado os cadernos e revistas que usávamos para estudar. Sempre tínhamos reforço no centro de atendimento a criança chamado Bem-Estar Social para auxiliar os alunos. Semanas depois, no caminho do centro, achamos o material já todo danificado. A mudança do interior para capital ocorreu por causa dessa tragédia que aconteceu na família.

Por conta desta tragédia que gerou dor e muito sofrimento, a minha família comprou uma casa na capital de Belém do Pará, num bairro chamado Marambaia. A escola que ficava próxima, mas não a única, era a Escola Municipal República de Portugal, onde as minhas irmãs mais velhas já estudavam. Apesar da minha mudança e de duas irmãs ter acontecido no final do ano de 1978, minhas três irmãs mais velhas já residiam há um ano na capital.

Então em fevereiro do ano seguinte seria mais um recomeço, com uma grande diferença. Agora morando numa cidade grande, entre ricos e pobres, negros e brancos. Marambaia não era um bairro muito pobre e sim uma região construída pela Companhia de Habitação Popular (COHAB) da Caixa Econômica Federal. Mesmo tendo escola pública no conjunto habitacional, a opção da minha família foi estudo fora do bairro.

Para mim e meus irmãos foi muito bom, pois a Escola República de Portugal tinha uma equipe de professores antigos e muito bem qualificada que soube lidar com a nossa transição do interior para capital. Ouvíamos muitas reclamações de outros amigos com respeito à escola do bairro.

Após a mudança do município vizinho para a capital, fui trabalhar de aprendiz numa oficina de carro, La ganhava muito pouco, mas era mais do que a venda de picolé ou outros produtos que costumava vender para ajudar a família. Não somou muito na minha vida, pois de aprendizado não tinha nada, era só serviço pesado o tempo todo.

Mesmo diante de tanto esforço, não foi possível a nossa aprovação na nova escola. Já estava com 16 anos e a necessidade me levou a buscar um emprego para ajudar a família. Com autorização do juizado da infância comecei a trabalhar em uma empresa grande chamada Importadora na área de material de construção e na construção também, reconhecida em todo o estado por realizar muitas obras tanto para o governo do estado, como para os municípios. Atuava como servente de pedreiro e encanador industrial, mas diante das necessidades que foram surgindo manifestei ao departamento de ensino e capacitação da empresa em que trabalhava a vontade de fazer um curso profissionalizante. A empresa então me encaminhou para o curso do SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial). Muitos foram indicados também, mas a maioria desistiu dos cursos por conta do cansaço da jornada dupla e desinteresse de não querer mudar de vida. Os cursos eram realizados nos finais de semana, sábados e domingos, para não atrapalhar a escola nem o trabalho.

Diante desta nova realidade na minha vida, passei a estudar a noite. Como tinha sido reprovado na quinta série, ingressei na 3ª etapa que correspondia a quinta e sexta séries. Se antes já era difícil conciliar estudo e escola, este foi o maior desafio da minha vida. Sempre chegava cansado do trabalho e algumas vezes, muito desmotivado para os estudos. Felizmente, foi um ano de aprovação nos estudos, alcancei a nota 7,6.

Já no ano seguinte se intensificou a necessidade da família. Eu virei o arrimo de família então tinha que trabalhar e ganhar muito mais. A única saída naquele momento foi fazer um curso profissionalizante de encanador industrial no SENAI. Naquele ano não tivemos êxito nos estudos seculares. Os três irmãos mais novos sendo reprovados na escola.

No ano seguinte, já iria completar 18 anos e, a busca de completar a 4ª Etapa, que correspondia a 7ª e 8ª serie. As dificuldades eram muito grandes para inúmeros jovens que desejavam servir as Forças Armadas. Como eu já estava completado 18 anos, tive que fazer alistamento militar. A exigência mínima para qualquer jovem era ter o primário completo. Estudei muito naquele ano para não ser dispensado por falta de escolaridade e consegui ser aprovado em dezembro de 1982.

Em janeiro do ano de 1983 fui classificado, entre mais de cinco mil jovens, para ser treinado pelo Primeiro Comando Aéreo de Belém e servir como soldados de segunda classe. Depois do concurso para soldado de primeira classe e o último concurso para cabo passei dez anos na carreira de militar.

No início dos anos 80 a educação brasileira experimentava a falência da educação, diante da crise econômica, mas o fim da ditadura gerou algo novo. Lembro que a nova política usou a educação como moeda eleitoral entre a população pobre, agindo como paternalista e assistencialista. A educação, no entanto, não auxiliou realmente muitos que viviam em situação de pobreza extrema, violência doméstica, abandono familiar, violência sexual, prostituição ou violência urbana e outras situações sociais que não colaboram para o empedramento da cidadania.

Também visitei a Escola Municipal Republica de Portugal, onde concluí meu ensino fundamental, em 2017. Fui recepcionado pela Professora Ivana Bonfim, que passou muitas informações da escola.

Fotografia 3: Placa de reforma da escola em 1991

Essa foi à escola que concluí os meus estudos do primário na capital Município de Belém, Estado do Pará.



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Fotografia 4: Frente da escola, sem nenhuma mudança só reformas.



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

3. SUPLETIVOS E PROVÕES

O ensino realizado através de etapas reduz muito o conteúdo que os alunos deveriam ter. Por exemplo, até 1983 eram trabalhadas as matérias de português, estudos sociais e educação moral e cívica, além de ciências, matemática, história e geografia. Os professora (es) tinham como tarefa maior cumprir um currículo mínimo anual. Essa estrutura oferecida gerou problemas na formação de muitos alunos, que passavam para o segundo grau, hoje ensino médio, como foi o meu caso. Principalmente, problemas com as matérias da área de exatas como a matemática, química e física.

Logo no ano de 1983 consegui entrar na Força Aérea Brasileira como planejado devido o recrutamento e outros cursos internos na área de músico corneteiro, por estar em busca de uma maior patente, não foi possível retornar aos estudos nos cinco anos seguintes. Apesar disso, todos os anos realizavam os provões do supletivo, mas fazia sem nenhum preparo, assim foram poucas matérias aproveitadas no Estado do Pará. Neste período fiz um curso básico de Teologia de três anos, que me capacitou para atuar como missionário em varias região do Brasil. Também recebi uma bolsa de estudos da Faculdade Carlos Gomes em Belém do Pará, em parceria com as Forças Armadas e destinadas aos músicos, não foi possível cursa porque era necessário escolher entre a musica e a teologia, optei pela teologia. Após concluir o curso de teologia, retornei aos estudos seculares.

Fui dispensado com mais de cinco mil pessoas em 1991, por causa de uma portaria do Ministério da Aeronáutica que determinava que nenhum militar deveria ir para Escola de Sargento da Aeronáutica – ESA, sem concurso interno para a especialização. Por essa razão todos deveriam retornar para suas unidades militares de origem para realizarem o processo de engajamento. Como eu era um dos que tinham sido indicado e não tinha mais tempo para fazer a documentação e a publicação em boletim geral, fui dispensado.

Cursei o primeiro ano do ensino médio na Fundação Educacional 8 de Agosto, diante de um grande desafio por conta das limitações da formação do primário, no ano de 1999. Consegui aprovação no final do ano. No ano de 2000, fui morar no Rio de Janeiro por motivo de trabalho. Não desistir de estudar. Apesar de morar na baixada

fluminense, fui estudar no supletivo de Madureira. Eliminei algumas matérias. Diante de outra mudança para Minas Gerais, no Município de Caratinga, eliminei outras matérias. Na vinda para Rondônia morei em Alvorada do Oeste e fiz um provão em Presidente Médici. Não consegui eliminar sequer uma matéria.

Fui transferido para Ji-Paraná. Logo me matriculei no supletivo modular e fiz um provão, sem conseguir concluir todas as matérias. Mais uma vez fui transferido, dessa vez para Ariquemes. Ingressei no supletivo, agora com uma forte expectativa de concluir o ensino médio. Diante de algumas dificuldades nas áreas exatas fui estudar no Colégio Pré-Universitário de Ariquemes, onde no final de 2007, foi possível concluir as matérias de Matemática, Química, Física e Inglês. Foi a única vez que estudei em colégio particular. Como só faltava essas matérias para concluir o ensino médio, levei a comprovação para o Centro Educacional de Ensino de Jovens e Adultos - CEEJA em Ariquemes. Após análise do Centro, em agosto de 2008, recebi o certificado de conclusão de ensino médio.

Durante todo esse tempo um fator determinante para conclusão do ensino médio foi o fato de atuar como Missionário na Denominação Batista desde o estado do Pará, depois no Rio de Janeiro, em Minas Gerais e hoje em Rondônia. Mesmo com uma formação em Teologia, a função exigia muito mais de mim. Às vezes, eu liderava pessoas com formação muito elevada, com nível superior, pós, mestrado, doutorados e até pós-doutorados. Nunca tive facilidade para tratar com essas pessoas que não abaixavam o nível para tratar de qualquer assunto, como projetos e plano de ação. Só me restava muita pesquisa e um bom planejamento, mas sempre foi muito difícil liderá-los durante todo esse tempo. Tive algumas vitórias e alguns fracassos.

Um episódio interessante que aconteceu é que fui desafiado por um destes doutores, quando da realização do vestibular no Campus UNIR em Ariquemes. Sua esposa fez o vestibular junto comigo. Ele disse que ela, por já ter uma formação, iria passar fácil e não passou. Eu sim fui aprovado. Isso gerou um certo respeito por parte dele e de outros, como liderados.

4. O ENSINO SUPERIOR

Assim que tive a certeza da eliminação das matérias e conclusão do ensino médio, com declaração do Centro Educacional de Ensino de Jovens e Adultos - CEEJA de Ariquemes, me inscrevi para fazer vestibular de Serviço Social na Fundação Universidade Tocantins - UNITINS. Fui aprovado. Em janeiro de 2008, comecei o curso, que funcionava num prédio ao lado da UNIR, polo Ariquemes. Foi uma nova experiência que renovou o meu vigor e a minha esperança de um novo futuro. Apesar de ter encontrado outro desafio: a tecnologia. O curso era semipresencial. Frequentei por três anos seguidos, mas devido às muitas dificuldades encontradas entre a faculdade UNITINS e a justiça, fui obrigado a trancar a matrícula.

Anos depois, como representante da sociedade não governamental, participava do Plano Municipal De Educação Participativa, quando fui informado pela Sra. Marinez, hoje coordenadora do polo Ariquemes que haveria vestibular pra UNIR/UAB. Fiz a inscrição. Fiz a prova no final de 2010 e em seguida sai em férias. No retorno, fui informado que deveria comparecer ao polo UNIR Ariquemes para fazer a matrícula no curso de Pedagogia Séries Iniciais. Realizei minha matrícula no dia vinte três de fevereiro de dois mil e onze.

Já que o curso de serviço social tinha sido trancado por conta das dificuldades apresentadas, passei a cursar Pedagogia na UNIR, que já começou com dificuldades de tutores e professores que tinham que viajar de Porto Velho para os polos do interior. Foi uma verdadeira maratona enfrentada pelos primeiros professores. Alguns chegavam exaustos da viagem e ainda tinham que dar aula.

Outra dificuldade enfrentada inicialmente era o fato de alguns alunos não terem acesso à internet, nem o aparelho de computador ou notebook, portanto, único acesso seria por meio dos computadores da UNIR. Quando as apostilas eram disponibilizadas na plataforma, era preciso o polo baixar e mandar para a copiadora. Só depois disso que quem não tinha acesso ao material online podia estudar. A turma era muito boa e grande. Os aprendizados eram compartilhados de forma extraordinária por alguns professores, porém não por outros. Os trabalhos em grupos e suas dinâmicas compensavam as dificuldades de aprendizagem dos alunos. Os alunos estavam aprendendo e a UNIR também, por ser seu primeiro curso nesta modalidade. Por isso, convivíamos com

muitas informações, que mudavam muito rápido em e-mails e presencialmente. Sem contar com os períodos de interrupções com as greves de professores.

Foi diante de todos estes emaranhados de situações que começaram as maratonas de matérias, estudos e trabalhos. Iniciamos com a disciplina: Oficina Cultural: Leitura e produção de texto com a professora Guacyara Gorayeb. A disciplina que chegou carregadinha de curiosidade, ansiedade e um caminhão de dúvidas e incertezas para todos os alunos, iniciaram em uma sexta à noite. Sábado pela manhã a sala estava repleta de alunos para cursar a disciplina.

No final tudo deu certo. A segunda matéria também foi desafiante e difícil, era a Oficina Cultural: Introdução à Informática na EAD. A disciplina buscava orientar os alunos no manuseio da informática, de como fazer e postar os trabalhos. Depois tivemos outras disciplinas: Antropologia e Educação, Iniciação a Estatística, Sociologia, que auxiliou na construção do Trabalho de Conclusão de Curso. O TCC é de suma importância pois nenhum aluno consegue seu diploma sem passar por este processo como salienta Severino, “o processo de conclusão de curso ajusta o aluno diante da ciência, política e filosofia, quanto sua maturidade de vida e conhecimento técnico científico ou técnico lógico para conhecimento maior e as práxis”. (2000, p18)

Muitas outras disciplinas vieram e foram de grande importância para a nossa formação. Quero destacar também a Educação Especial e Inclusiva, na qual os alunos receberam orientações básicas de compreensão de como oferecer uma Educação Especial no município onde estivermos servindo como educadores. Também fomos desafiados a sermos profissionais diferentes diante das pessoas com deficiência, na escola ou em qualquer lugar. Aprendi com Padilha (2001) que no processo de aprendizagem encontramos várias restrições e limitações que alguns chamam de deficiência.

Diante da paciência dos tutores e professores superamos muitas dificuldades no aprendizados e, este o mesmo olhar que devemos ter com os alunos que teremos. É interessante refletir um pouco aqui sobre quando comecei os meus estudos. Sentia-me mais limitado, comparado a outros alunos, em relação ao conhecimento e informação que eles tinham e eu não, por ter vindo do interior. Isso foi muito forte na minha vida, passei mais de um ano para conseguir falar trinta e três..., mais de seis meses para falar Otorrinolaringologia. Entre outras pronúncias, a dificuldade foi motivo de muitas

brincadeiras dos outros alunos de salas diferentes da nossa escola. Eles não tinham noção de como era difícil administrar toda aquela situação.

Os métodos de ensino e aprendizagem tiveram muitas mudanças, como pode ser observado na história da educação. Fazer uma pergunta na sala de aula há algum tempo era sinal de burrice e não de desejo em obter mais conhecimento, tirar dúvidas com seus mestres, os próprios professores dificultavam o questionamento dos alunos e os alunos, por sua vez, aproveitavam para fazer brincadeiras com os colegas que queriam tirar dúvidas sobre a matéria ensinada, portanto havia muito medo de fazer perguntas na época em que eu estudei. Diferente, hoje há um desejo que os alunos façam perguntas como forma de conhecimento e interação do saber por parte dos professores

Outra disciplina que chamou muito atenção neste processo do saber foi Anos Iniciais, Alfabetização e Letramento. Este é um assunto que traz um grande desafio para os governos e em especial para os gestores. Nós acadêmicos que estamos concluindo o processo de aprendizagem, que de acordo com os objetivos curriculares precisamos assegurar aos alunos acesso ao conhecimento para vida, benefícios da formação independente das adversidades – somos parte de um grupo de pessoas que na fase mais crítica da vida, entre cinco aos dezoito anos.

Algumas das professoras e mestras moravam no nosso bairro que, não somente ensinavam, mas aconselhavam constante e incessantemente seus alunos, é claro que muitos destes não ouviram e nem obedeceram, e o curso de suas vidas teve uma direção bem diferente das nossas. Quando estudamos o letramento e alfabetização dentre outras coisas, a linguagem verbal e não verbal do aluno, sua importância no desenvolvimento, a formação de cada sujeito, sua importância na formação para a vida toda é extremamente relevante e indispensável, mas não o não menos importante do que a identidade cultural deste sujeito na formação pedagógica.

Outro destaque na memória são os seminários, desafiadores, porque além da montagem tinha a famosa apresentação diante de todo o grupo. Tivemos que lidar com medo de falar em público, sair da escrita para prática, lidar com problemáticas, formatos, construção de conhecimentos, lidamos com ações do cotidiano do profissional, as relações do trabalho em todas as áreas com a política, cultura, economia dentre outras, seguindo uma linha uniforme de aprendizagem. Tivemos como foco nesta disciplina a responsabilização ou desafios para produção de conhecimento na escola. Como afirma Lopes (1992), a produção de conhecimento é um processo que exige uma reflexão

continuada do conteúdo, observando pontos diferenciados da ciência, da investigação e da realidade, que nunca vai apresentar um saber único e sim com possibilidades de reajuste e adequação constante do que foi aprendido.

Sendo desafiado como acadêmico para ir em busca de novos conhecimentos e práticas que possa se redirecionar a visão e metodologia pedagógica diante do currículo e experimentos para oferecer aos seus alunos um saber diferenciado. Ao observamos profissionais vencidos pelo cansaço da vida, desacreditados por falta de respeito dos governantes e desanimados pela falta de perspectiva de um futuro melhor para o sistema educacional, nos deixa um excelente questionamento a ser feito. O que fazer para mudar essa triste realidade? Creio que só há uma resposta: Ensinar! Ensinar! E Ensinar.

Estágio – este foi para toda turma o diferencial, pois chegou o momento do nosso contato direto com o nosso público, os alunos, o que gerou medo, não do professor que nos supervisionava e sim os alunos, pois além do contato com eles precisávamos aqui passar pela prova dos dez, a pergunta era será que vou agradar os alunos, estou no nível do professor deles e isso não era nem uma prova para substituir os professores deles, mais toda essas interrogações nos rondavam. De fato é um público muito exigente mesmo. Quando chegamos na sala todos lançam um olhar de “quem é este intruso que quer entrar na nossa intimidade”, mais ainda assim foi muito desafiador, e estamos falando ainda do pré – I e II, carinha de anjos mais já com um poder tremendo de julgamento inicial. Claro que essa primeira impressão vai se desfazendo no aprofundar da relação com as crianças que não Chega aos 100% pois elas já demonstram seus devidos temperamentos e estruturas psicológica. O nosso tempo foi muito pouco no estágio, tínhamos o compromisso de Observar, Planejar e desenvolver as praticas pedagógicas. Já no primeiro e terceiro ano foi necessário além das praticas pedagógicas de Observar, Planejar e desenvolver, lidar com alfabetilização, letramento as matérias de língua portuguesa, matemática, matemática, ciências, historia, arte e Educação física, trabalhando na visão interdisciplinar para um bom desenvolvimento humano.

Como acadêmicos nos resta à busca de um enfrentamento extraordinário que possa fazer toda a diferença nas praticas pedagógicas, e a relação com os alunos e professores serviu para despertar em nós este desafio.

Foi muito importante a consideração feita sobre as instituições, tanto do pré como da primeira e a quinta serie voltada para um trabalho de harmonia entre diretores,

professores e técnicos, promovendo um serviço de qualidade para os alunos. Como escreve Tognheta (2003), o professor precisa da empatia, mesmo sendo uma prestação de serviço, que não é uma relação de troca e sim de parceria e cooperação que permite ao sujeito trabalhar desejos e a moral com propósito de adquirir uma melhor qualidade na vida de cada aluno.

O que observamos é que os professores desenvolveram a função na educação como um sacerdócio de verdadeira entrega e doação de seu conhecimento, ainda que a participação dos pais como atores seja indispensável neste processo na educação da vida da criança. Este processo que também foi parte inseparável da nossa educação, pois lá atrás na terceira série, teve uma professora chamada Margarida que tratava os alunos como seus filhos – posso lembrar-me de um episódio muito interessante que, sendo linda e educada passei a levar flores pra ela por não ter condições de oferecer frutas nem doces por causa de pobreza, diferentemente dos outros colegas que tinham condições, mais esta história rendeu quando comecei considerar que minha querida e amada professora gostava de mim por ser maiorzinho da turma. Um belo dia seu noivo veio lhe buscar, sofri uma grande decepção, pois achava que aquela educação toda era porque ela me amava, isso foi uma sexta-feira. Já na segunda não teve mais flores nem tampouco qualquer carinho da parte deste aluno que agiu como se fosse traído pela bela e linda professora.

Outra disciplina que foi extremamente desafiante foi EJA – Educação de Jovens e Adultos – que passou por várias fases, dentre elas o voluntariado por falta de qualificação na área e só depois de regulamentação do Conselho Estadual de Educação de Rondônia que o processo passa a ter um outro tratamento diferenciado, todo voltado para cidadania, garantia de vagas, profissionais qualificados na área, conteúdos contextualizados e sem a visão de uma simples reparação e princípio de equidade. Sendo no passado aluno que cursou o supletivo, hoje vejo que o EJA é muito importante. É preciso destacar seu valor com conhecimento de causa, sua transmissão do conhecimento ainda que limitado que as séries normais, provocou na vida de muitos alunos que convivi um senso de responsabilidade, críticas, compromisso e conceito de deveres e direitos de cidadania. Na entrevista sobre as causas de não terem concluídos seus estudos em séries normais foram muitas relacionadas pelos alunos, assim como os motivos para retorno aos estudos, como um direcionamento para as necessidades profissionais ou melhoria de vida, também com expectativas de continuar até o ensino

superior. A disciplina teve um momento de grande importância particular de reflexão sobre o que vivemos no passado não tão distante, assim como o uso da experiência pessoal para motivar os alunos do EJA.

Não podemos deixar de lembrar – Jogos e recreação que tínhamos uma visão simplista de gastar de tempo, quando a disciplina exige uma ação e visão por parte do professor de profundidade, observando as crianças superando desafios e enfrentando dificuldades.

Ainda precisamos lembrar de um dos maiores desafios experimentados neste curso foi a Atividades Acadêmica Científico Culturais - AACC, ação que induziu cada membro do curso de pedagogia a realizar uma interação de forma interdisciplinar entre a faculdade e a comunidade onde o aluno está inserido, mesmo não estando no pré-requisito curricular, ela nos forçou ir a campo, incluído viagens a outras regiões bem como trabalhos em grupos e muitas praticas de outros profissionais, e foi através destes: seminários, semana de cursos, simpósio, jornada pedagógica, encontros, palestras, conferencias, monografias e bancas, participação em formação continuada, participação em pesquisa científica, dentre outras que nos ajudou a vê na pratica como fazer ou melhor transformar teoria em pratica, e para cada aluno as Atividades Acadêmica Científico Culturais – ACCS, foi um projeto a parte.

Foram muitas as minhas experiências escolares, algumas que proporcionaram minha chegada até aqui, com os meus professores e colegas em sala de aula e fora dela também, e outras que não merecem destaque mais outras do que outras de companheirismo, parcerias e amizades.

Fotografia 5 : Aula Inaugural do curso de Pedagogia em Ariquemes no auditório da Associação de Comercio e Industria de Ariquemes - ACIA.



Fonte: Arquivo pessoal

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Tudo acaba, mas o que está escrito continua. O que é bom, muito bom. O melhor ainda não foi escrito. O melhor está nas entrelinhas” Clarice Lispector.

Aprendi com as memórias a refletir sobre a vida, numa sociedade que não costuma dar muitas oportunidades para os seres humanos que estão incluídos ou não em seu contexto social.

Então o processo pedagógico diante de sua intervenção definiu o percurso das nossas vidas, mesmo através das muitas dificuldades que cercaram este período da nossa história educacional. A escola e os mestres foram muito além da simples compreensão dos conteúdos que eram necessário para serem transmitidos. Eles acabaram preservando os interesses e trataram as necessidades de cada um de nós, valorizando os nossos saberes, as nossas habilidades e os nossos valores.

Isso escrevo lembrando que ainda temos o que aprender com as pessoas formadas no magistério, sem tanto aprofundamento teórico, mas com muito amor pela vida dos seus alunos. Diante de uma época que ensinar na área pública era muito mais difícil, os próprios professores tinham a compreensão que a educação era o único caminho para se chegar ao sucesso nesta vida, e ensinavam isso com larga convicção. Pesa muito sobre os nossos ombros a responsabilidade de viver e reproduzir os saberes capturados ao longo da nossa história de educação e formação, perante um contexto social e político que vivemos, onde valores e princípios éticos não são levados a sério, quando o falar nem sempre representa o viver e o exemplo deixou de ser um instrumento de caráter humano, e para a nossa turma é um desafio de um grande legado.

Independentemente de qual instrumento desestimulou ou motivou, é importante considerar que os que estão finalizando o curso usaram de muita determinação; a criação de estratégias foi fundamental pra cada um é importante deixar claro que os contexto e realidades foram diferentes umas das outras e para quem conclui o curso hoje, significa que usou com excelência sua estratégia para alcançar seus objetivos; tarefas e dificuldades para realiza-las até aqui, como foram complicadas complexas às vezes parecendo coisas do outro mundo ou invenção, olhando para trás indispensáveis no processo de formação pedagógica e na práxis profissional..

REFERÊNCIAS

LOPES, Antonia Osima. Planejamento de Ensino numa perspectiva crítica de educação. In: CANDAU, Vera. Repensando a Didática. São Paulo: Cortez, 1992.

PADILHA, Anna Maria Lunardi. **Práticas Pedagógicas na Educação Especial: a capacidade de significar o mundo e inserção cultural do deficiente mental.** São Paulo: Ed. Autores Associados, 2001. (Coleção Educação Contemporânea)

PRADO, G. do V. T. e SOLIGO, R. Memorial de formação: quando as memórias narram a história da formação. Disponível em https://www.fe.unicamp.br/drupal/sites/www.fe.unicamp.br/files/pf/subportais/graduacao/proesf/proesf_memoriais3.pdf Acesso em novembro de 2017.

RIBEIRO, PAULO RENNES MARÇAL, História da educação escolar no Brasil: notas para uma reflexão - Departamento de Psicologia da Educação - UNESP. Ribeirão Preto/Julho 1993. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X1993000100003>

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do trabalho científico. São Paulo: Cortez, 2000.

TOGNHETTA, L. R. P. A construção da solidariedade: a educação do sentimento na escola. Campinas, SP: Editora: Mercado de Letras/ FAPESP, 2003.

REFERENCIAR AS FOTOS